ASSIM QUE CHEGUEI EM CASA, fui direto para o meu quarto, desabei na cama e enterrei o rosto no travesseiro. Lembro-me de ter levado a Shimamura

para casa, mas tudo depois disso foi um borrão de cores, como um pôr do sol. Francamente, foi um milagre eu ter chegado em casa em segurança.

O dia todo, meu rosto queimava como brasa, a ponto de eu me perguntar se o verão tinha chegado mais cedo naquele ano. Minhas orelhas coçavam também. Então, o pó do travesseiro foi se assentando ao redor da minha cabeça, e a cor filtrando-se pela janela me fez perceber que o sol *estava*, de fato, se pondo. Conhecendo-me, meu rosto provavelmente estava tão vermelho quanto aquele céu agora.

Cada vez que a memória passava pela minha cabeça, eu me contorcia, pensando em todas as coisas embaraçosas que fiz e disse, chutando os pés e batendo o rosto repetidamente contra a cama. Depois de extravasar tudo, levantei a cabeça e considerei me levantar. Minhas costas ainda estavam torcidas de forma estranha, então abaixei a cabeça mais uma vez. *Acho que vou ficar mais cinco minutos.*

Um gemido baixo escapou pelos meus lábios. Meus pais geralmente nunca me davam mais que um olhar de soslaio, mas se vissem o jeito que eu estava agindo agora, talvez até prestassem atenção em mim, só dessa vez.

"Deus, eu agi como uma idiota..."

Pelo menos as coisas tinham acabado funcionando a meu favor.

No mês passado, eu tinha certeza de que Deus não existia, mas talvez eu estivesse errada. Talvez ele fosse apenas um grande valentão que gostava de me estressar. E agora que eu oficialmente tinha feito planos com a Shimamura, eu tinha ainda *mais* com o que me preocupar.

"Chocolate," murmurei em voz alta, mencionando o doce que, com certeza, ia derreter meu cérebro como fondue. O leve cheiro de amaciante de roupas pairou no ar enquanto eu puxava o cobertor sobre minha cabeça.

Esta seria a primeira vez que eu daria um presente de Dia dos Namorados apara alguém, assim como seria a primeira vez que eu receberia um. Bem, a menos que você contasse o chocolate que meus pais me deram quando eu era criança. Pessoalmente, escolhi não considerar. Não era como se isso fizesse diferença, de qualquer forma. Isso não mudava o fato de que essa era a primeira vez que eu realmente *queria* um presente de Dia dos Namorados.

O Dia dos Namorados estava a mais de uma semana de distância, e ainda assim... Bem, na verdade, considerando todo o planejamento que tinha pela frente, talvez eu tivesse menos tempo do que pensava. Eu iria fazer esse chocolate eu mesma? *Não, isso seria intenso demais... será que seria mesmo? Não, sim, com certeza.* Como eu poderia fazer chocolate sem nenhuma experiência prévia na cozinha? Será que eu conseguiria ficar boa nisso com um

pouco de pesquisa e prática? Mesmo assim, ainda seria intenso demais para um presente casual.

Eu deveria fazer o que fiz no Natal e comprar algo que ela gostasse. Sim, isso seria bom... Sim.

Mas, por outro lado...

Esta era minha primeira — e possivelmente última — experiência com chocolate de Dia dos Namorados, e eu queria aproveitar ao máximo. Infelizmente, eu não tinha um jeito infalível de conseguir isso. No momento em que tentava descobrir o "movimento certo", minha cabeça começava a doer. No ritmo em que eu estava, *realmente* não tinha certeza se conseguiria sobreviver aos próximos dez dias. *Quando o grande dia chegar, eu serei apenas uma casca vazia.*

"Feito em casa... feito em casa... Primeiro de tudo, eu vou precisar descobrir do que ela gosta."

Duvidava que alguém além da própria Shimamura saberia a resposta, então eu teria que perguntar diretamente a ela. Mas, se eu demonstrasse muito entusiasmo, pareceria exagero, então teria que encontrar algum tipo de equilíbrio. Essa era a parte complicada, como provei mais cedo hoje com meu comportamento constrangedor. Só de lembrar, meu nariz começava a arder.

Relaxa. Não é grande coisa, menti para mim mesma para tentar me acalmar. *É só uma troca de presentes platônica... sabe... algo amigável ou coisa do tipo.*

O que significava que — a menos que fosse algum tipo de competição estranha de confeitaria — um presente feito à mão seria *muuuito* exagero.

Claro, se *ela* tivesse feito algo para *mim*, eu teria *adorado*. Teria amado isso. Se eu pudesse fazer um *pedido* a uma estrela cadente, seria isso.

Eu queria ser tão especial para a Shimamura quanto ela era para mim; queria ter uma conexão única que ninguém mais pudesse replicar. Mas eu não sabia como conseguir isso, e se eu pedisse diretamente, perderia todo o significado. Eu precisava que Shimamura fosse uma participante disposta e entusiasmada... e, portanto, eu precisaria conduzi-la nessa direção de maneira indiferente.

Ha, boa piada. Depois de toda a humilhação que causei a mim mesma, eu sabia muito bem que não havia nada de "indiferente" em mim. Já tentei dezenas de vezes "casualmente" direcionar a conversa, mas sempre acabava em pânico — simplesmente não sou capaz de manter a calma. Em vez disso, tremo como vara verde até que o tópico desejado saia da minha boca a 160 quilômetros por hora.

Meu Deus, que patética. A essa altura, era tarde demais para amaldiçoar minha idiotice... mas ainda assim, às vezes eu realmente detestava a mim mesma.

Sacudi a cabeça e rolei para o lado, com meus movimentos levantando poeira e sujeira.

O que eu realmente queria era algo muito, muito mais suave que chocolate — tão suave que escorregava por entre meus dedos. O Dia dos Namorados era apenas um meio através do qual eu poderia roçar isso de leve.

~Quarta-feira, 5 de fevereiro~

Durante toda a aula, minha mente vagava incessantemente entre devaneios sobre a Shimamura e o chocolate. *Talvez eu esteja um pouco obcecada. Sim, só um pouquinho.* Para ser justa, essas aulas eram frequentemente entediantes. Como o arranjo dos assentos me impedia de olhar para a Shimamura, o máximo que eu podia fazer era usar minha imaginação para passar o tempo livre — e às vezes o tempo não livre.

Num piscar de olhos, as aulas terminaram, e a passagem rápida do tempo fez meu sangue gelar. E se todos os dez dias passassem tão rápido quanto este? No passado, eu teria adorado acelerar minha vida cotidiana monótona no modo avançado, mas agora eu me sentia um pouco diferente. Pela primeira vez na vida, eu tinha algo realmente importante... e, como resultado, estava constantemente estressada.

Enquanto arrumava meus materiais, olhei para trás e vi Hino, com sua aparência estiva e pele bronzeada, e Nagafuji, que parecia muito sonolenta, na mesa da Shimamura. Depois de uma breve despedida, as duas saíram da sala. Será que Shimamura daria chocolate para *elas* também? Conhecendo-a, ela provavelmente retribuiria qualquer presente que recebesse, mas nunca iniciaria a troca de presentes por conta própria.

Então, por alguma razão, pensei na pequena garota alienígena. Eu não a tinha visto muito com a Shimamura ultimamente... pelo menos, não que eu me lembrasse. Quem *era* ela, afinal? *O que* era ela?

Além disso, era possível que Shimamura tivesse feito planos semelhantes para trocar chocolates com outras amigas que eu nunca conheci. No fim das contas, eu só conhecia um pequeno lado dela — não, menos do que isso. Ela era *notoriamente* difícil de decifrar. Não era que ela evitasse conflitos; ela simplesmente não se importava com muitas coisas. Se eu tentasse segurá-la, acabaria escorregando, como a água que escorre da pena de um pato.

Não que eu me importasse se a Shimamura quisesse trocar chocolates com outras garotas. Ou melhor, isso não era da minha conta, então eu realmente tinha algo a dizer sobre isso? Não, eu não tinha. Eu sabia disso. Ainda assim...

percebi que, se visse isso acontecendo bem na minha frente, provavelmente não conseguiria simplesmente ignorar.

Comecei a me sentir tonta, então parei para respirar fundo. Estava me assustando por nada, e se um único pensamento conseguia me levar a um ataque de pânico, então talvez minha condição fosse mais séria do que eu imaginava. Talvez agora eu entendesse o que é adiar o tratamento de uma doença até que seja tarde demais.

Bem lá no fundo, por trás de toda a minha negação e bravata, ver a Shimamura dar chocolates para outra pessoa realmente me destruiria. Conhecendo a mim mesma, poderia até chorar. Em outras palavras, eu não *queria* que isso acontecesse.

Quanto mais honesta eu era comigo mesma, mais parecia que estava trazendo à tona todos os meus piores traços. Eu precisava tirar essas impurezas da água, ou ninguém iria querer estar perto de mim. Só podia rezar para que eu estivesse mantendo minha água limpa o suficiente. Se possível, eu também queria ser aquela que ajudasse a purificar a água da Shimamura.

Olhei por cima do ombro, e dessa vez, a mesa da Shimamura estava completamente vazia. Evidentemente, ela já tinha ido para casa. *Ah, não*. Enfiei o restante dos meus livros na bolsa, com pressa.

Às vezes, eu realmente desejava que ela parasse na minha mesa antes de sair, mas ela nunca fazia isso. Era meio frustrante.

Com a mochila na mão, fui logo para o corredor e olhei ao redor em busca da Shimamura, mas não consegui encontrá-la. Comecei a correr. Só então, com algum atraso, minhas pernas registraram o ar frio do corredor. Aparentemente, Shimamura tinha prioridade sobre meus cinco sentidos.

Finalmente, no final da escada, a avistei. Ela estava encurvada, provavelmente por causa do frio. Suas mangas estavam puxadas até cobrir os dedos, deixando os ombros expostos. Quando me aproximei, ela deve ter ouvido meus passos, porque se virou na minha direção.

"Ah, oi, Adachi." Seus olhos indagavam: "O que foi?"

Lentamente, com cuidado, e de forma consciente, abri a boca para falar. Pensando bem, essa era possivelmente a primeira vez que eu falava durante o dia.

"Estava me perguntando qual é o seu tipo favorito de chocolate."

Aí está. Pareceu bem casual. Sim, nada mal.

Eu nunca costumava vigiar meu próprio comportamento dessa forma, mas talvez isso fosse uma prova do quão estranha eu estava agindo ultimamente. Meus lábios ainda estavam um pouco rígidos, mas, no geral, minha pergunta foi um avanço.

"Meu *favorito*? Hmmm... Não como com tanta frequência, mas vejamos..." Ela olhou para o fim do corredor enquanto ponderava sobre a minha pergunta.

Felizmente, ela não parecia desconfortável em responder. *Que alívio.*

"Não, melhor não ir por aí," murmurou para si mesma, mas eu não sabia do que ela estava falando. Então, olhou de volta para mim. "Sinceramente, eu como qualquer coisa doce."

"Certo."

Até onde eu sabia, a maioria dos chocolates era doce. *Deveria insistir por mais detalhes ou simplesmente aceitar que ela é fácil de agradar?*

"Acho que gosto mais de chocolate ao leite, porque o sabor não é muito forte," acrescentou, quase como um pensamento final.

"Entendi."

Na minha mente, visualizei o chocolate ao leite — sua cor me lembrando do cabelo castanho suave de Shimamura.

Parecia que era a primeira vez que ela admitia *gostar* de algo, e, por algum motivo, achei isso bastante tocante.

"Era só isso que você queria?" ela perguntou, após um longo momento de silêncio constrangedor.

"É."

Mais silêncio. Ao nosso redor, outros alunos passavam a caminho da saída do prédio.

"Certo."

"Beleza."

"Então, hora de ir para casa!" ela anunciou, com um tom claramente de "vamos logo com isso." Provavelmente, ela estava ansiosa para sair do frio, e eu não a culpava.

Caminhei com ela até os portões da escola, onde nos separamos pacificamente. Quando cheguei à esquina da rua, percebi que ainda estava a pé, então corri de volta para a escola para pegar minha bicicleta.

***

Ele se destacava como uma árvore de Natal em um cenário minimalista, mas eu não conseguia me convencer a ponto de escondê-lo em algum canto.

O bumerangue, quero dizer.

Tarde da noite, eu o peguei da prateleira onde servia como decoração. Para deixar claro, eu não *queria* deixar o presente de Natal que recebi da Shimamura acumulando poeira lá em cima, mas, ao mesmo tempo, não estava disposta a *brincar* com ele. Ela realmente esperava que eu saísse e o lançasse por diversão? Eu não acreditava — não *queria* acreditar — que ela tivesse me julgado tão mal assim. Eu fiquei agonizando com o bumerangue por um momento e, então, o lancei de maneira preguiçosa. Ele voou diretamente para o meu armário, onde bateu na parede e caiu no chão com um leve *tum*.

Bleh.

No momento em que me abaixei para pegá-lo, no entanto, percebi o brilho da tela da TV no canto do meu olho e quase saltei de susto.

Uma mulher com maquiagem pesada, chamada de "Xamã Taoka", estava dançando ao ritmo da música. E quando digo dançando, quero dizer que ela girava o cabelo em círculos como se estivesse em uma dança de leão (kabuki). Seus movimentos eram tão violentos que eu quase esperava que o cabelo dela saísse da tela. Outros atores estavam à margem, esperando sua vez, mas essa mulher os mantinha à distância com sua presença dominante. Era impressionante como ela conseguia comandar a atenção deles.

Quando sua dança terminou, a Xamã não-sei-das-quantas ficou lá, ofegante e com os ombros arfando. Você pensaria que a câmera teria cortado naquela parte. Enquanto isso, eu ainda estava congelada, meio agachada, tentando entender que tipo de programa de TV era aquele.

Logo descobri que era algum tipo de programa de horóscopos. Horóscopos românticos, especificamente. *Não tenho ideia do que aquela dança de kabuki tinha a ver com isso, mas tudo bem.* Ainda assim, a palavra "romântico" fez minhas orelhas se alertarem um pouco. *Não que meu relacionamento com a Shimamura seja romântico ou algo assim. Porque não é.*

Ainda assim... eu queria assistir ao programa.

Pelo jeito, o programa estava fazendo previsões diárias baseadas nos signos astrológicos e oferecendo dicas ou advertências para cada signo. A "dança do leão" da Shaman Taoka parecia ser uma parte exagerada e teatral do show, que misturava elementos dramáticos com previsões astrológicas.

Para a Libra, a previsão de um período tempestuoso na vida amorosa e a sugestão de "monitorar os arredores" foram recebidas com uma dose de ceticismo e inquietação. A ideia de ter que "monitorar" os arredores pode ter soado invasiva ou desconfortável, especialmente se você se preocupa com a privacidade e não quer parecer um "stalker."

Você provavelmente estava se perguntando se a previsão poderia afetar de alguma forma a sua relação com Shimamura, mesmo que não houvesse um romance real entre vocês. As previsões astrológicas muitas vezes são interpretadas de formas pessoais e emocionais, e, ao receber uma previsão negativa, é natural se sentir preocupado, mesmo que seja apenas por precaução.

Julgando pelo nome “Horóscopo de Amanhã”, o programa ia ao ar todos os dias da semana. O programa seguia a lista de signos astrológicos, começando com Capricórnio, depois Aquário, depois Peixes, e assim por diante. Mesmo enquanto eu revirava os olhos e me perguntava quanto eles ganhavam para escrever essas bobagens, eu esperava pacientemente o meu signo aparecer.

Enquanto isso, a Xamã estava pingando suor a ponto de estragar completamente sua maquiagem pesada. *Não desista do seu trabalho diurno.*

“Próximo, Libra! Sua vida amorosa está prestes a entrar em um período tempestuoso, então não se esqueça de monitorar seu entorno!”

“O quê…?”

Como libriana, esse era um horóscopo que eu não estava exatamente animada para receber. Sempre considerei minha “vida amorosa” como um barco à deriva, mas… quer dizer… se ela estava viva e pulsante, então eu certamente não queria que ficasse tempestuosa. Qual de nós seria atingida pelas ondas? Eu ou a Shimamura?

E outra coisa: “monitorar meu entorno”? A palavra “monitorar” fez tudo parecer tão assustador. *O que você pensa que eu sou, um stalker? Porque não sou. Longe disso.*

Claro, eu não esperava que o horóscopo fosse preciso desde o início, então não havia sentido em me preocupar com isso.

Depois que o programa leu todos os signos, eles partiram para o segmento de publicidade. “Nossa promoção de Dia dos Namorados está em andamento!

Durante a promoção, ouça a pista no final de cada episódio. Colete todas para ganhar um prêmio muito especial! A pista de hoje é 'D'!"

"D." Entendi. Legal. Mas ainda não era bem o final do episódio, então parecia que eles tinham antecipado esse anúncio. *Tanto faz.*

Depois disso, por algum motivo, mostraram gráficos de compatibilidade entre cada um dos signos. De acordo com os gráficos, Libra era "fortemente compatível" com Gêmeos e Aquário, mas *mais* compatível com Áries (do sexo oposto, especificamente; Áries do mesmo sexo eram os "menos compatíveis", aparentemente). Claro, eu não sabia como decidiam tudo isso, então certamente não estava prestes a acreditar nisso.

Outra coisa…

Quando é o aniversário da Shimamura?

Não que eu planejasse levar esse programa de TV como verdade absoluta, mas isso me deixou um pouco curiosa.

Gêmeos ou Aquário. Gêmeos ou Aquário. No pior dos cenários, qualquer coisa menos Áries, eu orava silenciosamente, repetidas vezes, mesmo sabendo (baseado nos resultados da reorganização dos assentos) que minhas orações eram inúteis.

Depois que o programa terminou, recuperei a compostura e sacudi a cabeça por conta da minha própria idiotice.

Como se essas bobagens fossem realmente precisas.

~Quinta-feira, 6 de fevereiro~

"Uhh... Adachi?"

Shimamura olhou para mim enquanto eu estava ao lado de sua mesa, mas eu não consegui mais aguentar.

"Não é nada."

Com isso, voltei apressadamente para o meu assento. Logo depois, o professor entrou na sala. *Ufa. Consegui por um triz.*

Mais tarde, na hora do almoço... "Adachi?"

Mais uma vez, eu estava bem ao lado da Shimamura, olhando para ela. Mas eu estava tão distraída que nem consegui sentir o gosto do meu sanduíche. Até

agora, não tinha percebido nada "tempestuoso"... exceto talvez o olhar desconfiado que Shimamura estava me lançando.

"Você queria alguma coisa?" ela perguntou, gesticulando em direção ao sanduíche e à bebida dela. Em seu pulso, havia uma pulseira azul da amizade, o que chamou minha atenção, já que ela geralmente não usava muitos acessórios.

De qualquer forma, eu não estava *tentando* dar a ela um olhar de cachorro abandonado ou algo assim, mas, aparentemente, ela me interpretou mal.

"Não, estou bem," murmurei, levantando meu sanduíche. Então decidi fazer a pergunta que havia prometido a mim mesma que faria hoje na hora do almoço. Não que eu acreditasse nessas besteiras de horóscopo, mas... "Shimamura, qual é o seu signo?"

Tardiamente, percebi que teria sido mais natural simplesmente perguntar o aniversário dela. Então, me ocorreu que, na remota possibilidade de Shimamura assistir ao mesmo programa de TV, ela poderia pensar...

Bem, não seria exatamente um erro, seria? Espera, não! Sim, seria!

Enquanto isso, alheia ao meu turbilhão interno, Shimamura inclinou a cabeça e refletiu consigo mesma. "Meu signo...? Pra ser honesta, não sei qual é. Mas nasci em abril. Dia 10 de abril."

Senti toda a alegria escorrer do meu corpo. Não me entenda mal, fiquei animada por aprender algo novo sobre ela, mas... se ela nasceu em 10 de abril, então ela era de Áries. E Áries tinha *a pior compatibilidade possível com uma Libra do mesmo sexo.*

"Adachi? Alôoo?"

"Para constar, eu sou de Touro!" Hino anunciou do nada, aparecendo de repente ao lado da Shimamura.

"Uau!" Shimamura recuou no mesmo momento, com os olhos arregalados de surpresa.

Atrás de Hino estava Nagafuji, balançando-se casualmente de um lado para o outro, com uma expressão que deixava claro que ela estava *morrendo* de vontade que alguém perguntasse qual era o signo *dela*.

Assim que Shimamura se recuperou do susto, rapidamente captou essa linguagem corporal. "E você, Nagafuji-chan?"

"O que você vê é o que eu sou! Virgem, sou virgem!" declarou com orgulho.

"Eu acho que devíamos trocar. Você é bem mais parecida com uma vaca do que eu," Hino comentou, estendendo a mão para cutucar os seios fartos de Nagafuji. Naturalmente, Nagafuji afastou a mão dela, como de costume.

Lembrei que Touro e Virgem tinham uma forte compatibilidade. Talvez aquele horóscopo estivesse certo, afinal. *Espera, não! Isso significaria que Shimamura e eu somos completamente incompatíveis! Não, não, não! Isso não pode estar certo! Não seríamos tão boas amigas!*

"Por que você perguntou sobre meu signo, afinal?" Shimamura me perguntou. "Você é ligada em astrologia ou algo assim?"

"Hã? Ah... uhhh..."

Enquanto eu lutava para pensar em uma resposta, a ajuda veio do lugar mais inesperado.

"Ah, entendi. Se os signos de vocês forem compatíveis, isso melhora a taxa de sucesso para magia de suporte," Nagafuji sugeriu do nada.

"O que diabos você está falando?" Hino murmurou, perplexa.

Felizmente, isso distraiu Shimamura o suficiente para que eu escapasse da pergunta dela... o que significava que, mesmo sem perceber, Nagafuji acabou me ajudando. Por isso, eu estava sinceramente grata.

Continuei a monitorar — quer dizer, *observar* — a situação até o final do dia escolar, mas Shimamura e eu continuávamos as mesmas de sempre. Do jeito que as coisas estavam indo, não via nenhuma onda tempestuosa no horizonte. Os mares estavam tranquilos.

Como eu suspeitava, horóscopos não passavam de sugestões. Nem sequer era claro quem havia inventado essa besteira originalmente, e eu estava perfeitamente satisfeita em desconsiderar a astrologia. Dito isso, eu não queria descartar completamente. Eu poderia simplesmente escolher acreditar nas previsões que gostava e ignorar com segurança todo o resto.

No final, Nagafuji estava certa. Horóscopos eram uma forma de magia de suporte, ajudando você a olhar pelo lado positivo.

Eu não podia escolher chocolates para a Shimamura sem ter um entendimento completo do que ela iria comer. Então, assim que cheguei em casa, troquei de roupa e fui ao supermercado. Admito que me senti um pouco hesitante em entrar, provavelmente porque não costumava ter a oportunidade de ir lá. As famílias normais costumam levar os filhos para olhar a seção de doces? Se sim, eu certamente não tinha essa experiência. Eu nem conseguia lembrar do que

costumava lanchar. Tudo o que eu me lembrava era de muita água gelada e refrescante.

Peguei minha carteira para verificar o conteúdo. Depois de me certificar de que estava equipada com dinheiro suficiente, fui em direção à seção de chocolates. Felizmente, apesar do tamanho impressionante dessa loja, não precisei procurar muito; havia uma grande exposição de Dia dos Namorados bem na minha linha de visão.

Na mesma prateleira, também tinham colocado alguns salgadinhos de arroz em tons pastel para o Dia das Meninas, em 3 de março. Infelizmente, eu não estava confiante de que isso fosse uma tática de vendas eficaz.

Como Shimamura havia especificado chocolate ao leite, fui passando e pegando todas as variedades de chocolate ao leite disponíveis. Havia também alguns chocolates brancos, mas eu não tinha certeza se ela gostaria. Depois de um debate interno, decidi enviar uma mensagem para perguntar a ela. Inquieta, fiquei ali parada, rezando para que Shimamura me respondesse rapidamente, para que eu não ficasse presa ali para sempre. Felizmente, ela respondeu.

A resposta: *"Chocolate branco é bem gostoso."*

Aparentemente, ela gostava. "Mas, por alguma razão, ela não gosta de dizer que gosta das coisas."

Quase parecia que ela não queria que outras pessoas... incluindo eu... soubessem mais sobre ela. Desanimada, soltei um suspiro. *Acho que vou pegar o chocolate branco também.* Agora, eu já tinha um número considerável de itens no meu carrinho. Eu não me importava de gastar dinheiro para comprar tudo isso, mas... será que eu conseguiria comer tudo? *Tudo isso? Sozinha? Diabetes, aí vou eu.*

Eu lutei comigo mesma por mais um tempo, até que finalmente decidi ficar com tudo. A partir daí, levei minha pilha de lanches e fui em direção ao caixa. Nesse momento, cruzei com uma garota alta de outra escola. Para ser sincera, fiquei impressionada com a coragem dela de ir ao supermercado vestindo o uniforme. Além disso, ela andava por aí com um grande sorriso no rosto. Não pude deixar de olhar para ela enquanto se afastava.

Lá ia ela, feliz da vida. Será que eu alguma vez já sorri assim durante as aulas? *Não, provavelmente não. Está tudo bem*, disse para mim mesma, esfregando a bochecha. Mas eu não estava totalmente convencida.

Se eu começasse a rir sozinha na aula, as pessoas provavelmente achariam que eu era uma psicopata. Na verdade, não — eu seria literalmente uma psicopata. Mas, se *Shimamura* começasse a rir na aula, eu só me perguntaria o que a deixou tão de bom humor.

Hã, cérebro? Estamos falando de mim, não da Shimamura... Certo. De qualquer forma. Vamos apenas manter isso em mente.

Dei um leve tapa na bochecha e continuei até o caixa. Não tinha pensado muito nisso enquanto carregava tudo no carrinho, mas, depois de pagar pelos itens e pegar minha sacola, percebi o quão pesada ela estava. Olhando para a minha montanha de chocolates, cocei a bochecha.

Não tenho certeza se consigo comer esse tanto de chocolate.

E se eu desse a sacola inteira para a Shimamura? Não, não, não. Ela não iria querer isso!

Só de *pensar* na possibilidade de ela rejeitar, meu ânimo desmoronou. Eu queria que ela ficasse feliz. Queria que ela me considerasse especial.

Mas, enquanto minhas aspirações eram tão altas quanto o pico de uma montanha, ao meu redor se estendiam milhas e milhas de um deserto plano e vazio.

Juro que não estava planejando isso de propósito. Mas quando olhei para o relógio, percebi que era hora daquele programa de horóscopo de novo. Então,

decidi assistir com ódio e criticar como o horóscopo de hoje tinha sido completamente errado.

Eu tinha deixado a TV no mesmo canal. Quando liguei, lá estava, a primeira coisa que vi foi o cabelo longo da Xamã voando para todos os lados. *Acho que vamos começar com isso de novo.*

"Só para você saber, o horóscopo de hoje não poderia ter sido mais errado," reclamei em voz alta, mas, naturalmente, a Xamã não podia me ouvir. Pensando bem, ela não disse uma palavra no episódio anterior — talvez ela fosse apenas o ato de abertura.

Uma vez que a sua "performance" digna de um Festival de Bon terminou, foi hora do show principal. Como eu não tinha nada melhor para fazer, decidi assistir até o fim de novo.

Para Áries, o signo da Shimamura, o horóscopo de amanhã dizia: "Seja fiel a si mesma e persiga seus desejos." Já o horóscopo de Libra estava escrito em letras grandes e arredondadas por algum motivo. Dizia: "Mude seu penteado por um dia! Reinvente-se e chame a atenção daquela pessoa especial!"

“Mudar meu penteado…? Como?”

Peguei uma mecha do meu cabelo e fiquei olhando para ela. Normalmente, eu simplesmente deixava tudo solto, sem fazer nada de especial. Se eu mudasse meu estilo e me reinventasse por um dia, será que a Shimamura notaria? Distraída, esfreguei os dedos dos pés um no outro. Não era como se eu realmente acreditasse nessas bobagens de horóscopo, obviamente.

Dessa vez, a pista era "A". Da última vez, era "D". Não era exatamente complicado a ponto de precisar anotar. O programa ainda não havia revelado qual seria exatamente o "prêmio especial", mas, dado o marketing descarado ao longo do programa, deduzi que provavelmente seria algum estoque encalhado de algo que eles não conseguiam vender. Uma pulseira da amizade, um colar, ou algo assim. Será que ainda havia alguém por aí que gastava dinheiro nessas baboseiras? Duvido muito.

Ainda assim, eu entendia como era se agarrar a qualquer raio de esperança… por menor que fosse. Havia um tom de desespero nos meus sentimentos pela Shimamura; lá no fundo, eu estava apavorada com a ideia de que, sem algum tipo de intervenção divina, eu talvez nunca conseguisse diminuir a distância entre nós. Talvez eu fosse *exatamente* o tipo de pessoa que cairia nessa besteira.

Dei um leve tapa na bochecha e me sentei um pouco mais ereta. *Melhor eu manter a cabeça no lugar.*

~Sexta-feira, 7 de fevereiro~

Certamente, isso é drástico o suficiente para que ela perceba. Assenti para mim mesma enquanto admirava meu trabalho meticuloso no espelho. Tentei de tudo: presilhas, fitas e outros acessórios, mas todos pareciam ou extremamente ridículos ou completamente bobos. Assim, após uma série de tentativas com cachos leves, mudança de repartição e outros ajustes menores, acabei optando por um simples rabo de cavalo. Amarrei-o com um elástico que encontrei por aí — não me lembrava quando ou onde o comprei, mas certamente foi útil — e depois ajustei a posição até ficar do meu agrado. Quando terminei, olhei para mim mesma no espelho de todos os ângulos.

Sinceramente, eu preferia ver a Shimamura com um novo penteado. O pensamento me fez corar, e eu saí apressada do banheiro. Hora de ir para a escola.

Verdade seja dita, eu estava um pouco envergonhada de sair de casa assim. Parecia que essa mudança drástica de penteado anunciava ao mundo: "EI, TODO MUNDO, OLHEM PARA MIM! ESTOU TENTANDO SER DIFERENTE AGORA!" Ou será que eu estava sendo paranoica? Precisaria pensar no que dizer para a Shimamura caso ela perguntasse. Afinal, eu estava bem ciente de como meu comportamento tinha sido estranho ultimamente.

Enquanto guiava minha bicicleta, ruminava, tentando pensar em uma explicação plausível. Talvez eu pudesse dizer que só senti vontade de mudar o cabelo? Eu parecia me lembrar de que essa foi a justificativa da Shimamura para descolorir o cabelo, então talvez ela se identificasse com isso. A questão era: será que eu conseguiria dizer isso sem gaguejar? Era algo com o qual eu vinha lutando constantemente.

Quando cheguei à minha mesa, sentei-me e coloquei o queixo nas mãos. Meu rabo de cavalo balançava a cada pequeno movimento, e isso me deixava louca. Além disso, com todo o cabelo amarrado para trás, minhas orelhas agora estavam ainda mais sensíveis ao ar frio. Isso também me deixava inquieta.

Sério, isso precisa valer a pena, pensei enquanto olhava para a porta da sala, esperando Shimamura entrar.

Infelizmente, ela só chegou pouco antes do sinal tocar e foi direto para o seu lugar sem sequer lançar um único olhar na minha direção. Considerando que eu sentava entre ela e o quadro, tinha certeza de que ela notaria meu rabo de cavalo eventualmente. No entanto, como não podíamos exatamente conversar no meio da aula, eu teria que esperar pacientemente até a hora do almoço para descobrir o que ela achava.

De alguma forma, isso era ao mesmo tempo reconfortante e frustrante.

***

Normalmente, eu passava meus intervalos apenas sentada na minha mesa, esperando o tempo passar. Mas hoje, usei meu tempo livre para olhar fotos de chocolate na internet. Eu estava tão obcecada que tinha quase certeza de que sonhei com chocolate na noite passada. A essa altura, meu cérebro inteiro era uma massa cremosa marrom.

Tomei a decisão de trazer minha montanha de chocolates para a escola e comê-los no almoço pelos próximos dias. Eu os comprei especificamente para entender melhor o sabor, o que significava que precisava comer todo o chocolate sozinha. Felizmente, não sou do tipo que se cansa de comer a mesma coisa repetidamente, então estava confiante de que conseguiria.

Depois de provar todos esses chocolates, saberia exatamente qual dar para a Shimamura. Esse era o máximo que eu poderia esperar realizar na semana que me restava. Eu meio que já tinha desistido de realmente impressioná-la com meu presente; se eu conseguisse ao menos presenteá-la, já me consideraria sortuda. Afinal, esse simples ato ainda era algo bastante especial por si só.

Não podia negar que uma parte de mim queria que Shimamura me tratasse de forma diferente de todo mundo. Ao mesmo tempo, porém, eu sabia que não poderia continuar exigindo cada vez mais dela, ou ela acabaria se cansando de mim. Se eu queria que essa amizade fosse uma via de mão dupla, precisava agir como tal. Quanto a como fazer isso, minha mente voltou à ideia de chocolates caseiros.

Quando se tratava de expressar sentimentos, nós, humanos, realmente só tínhamos duas opções: criar algo ou comprar algo. Gastar esforço ou gastar dinheiro. No meu caso, eu tinha dinheiro de sobra, já que não havia tocado nos ganhos do meu trabalho de meio período. Mas, se eu desse chocolates caros e de marca para a Shimamura, havia a chance de isso deixá-la desconfortável.

Pura curiosidade, ou pelo menos foi o que disse a mim mesma, me levou a fazer uma pesquisa na internet sobre chocolates caseiros. Naturalmente, havia milhões de resultados — todos os tipos de sites de receitas e guias passo a passo. *Deve ser a época, imagino*. Cliquei em vários deles, e, como o chocolate obviamente não exige nenhuma habilidade com facas, comecei a pensar que talvez não fosse tão difícil de fazer. Com um pouco de prática, talvez até eu pudesse criar algo razoavelmente respeitável... pelo menos em termos de aparência. Se seria comestível, já era uma história completamente diferente.

Conhecendo a Shimamura, no entanto, ela provavelmente preferiria chocolates industrializados de supermercado aos pedaços questionáveis e deformados que eu conseguiria criar sozinha. Claro, isso seria verdade para quase qualquer pessoa... a menos que esses pedaços viessem de alguém especial, é claro. *Ugh, então qual é o sentido disso tudo?*

Enquanto levantava as mãos para segurar a cabeça em frustração, uma voz repentina no meu ouvido me fez recuar na hora.

“Jogando um *fliper*?”

Era a Nagafuji, agachada para poder ler a tela do meu celular por cima do meu ombro, apertando os olhos e piscando. Achei que os óculos dela deveriam ajudá-la a enxergar melhor, mas talvez não. Assustada, deslizei na cadeira até que metade do meu corpo estivesse praticamente fora dela.

Como ela reagiria ao ver fotos de chocolate na minha tela? Por que ela tinha vindo até a minha mesa, afinal? Eu não achava que éramos tão amigas assim... ou éramos?

Ela se endireitou. “Hmmm,” murmurou para si mesma, inclinando a cabeça em contemplação. Isso só me deixou ainda mais confusa. Fiquei sentada ali, esperando que ela dissesse algo. Finalmente, ela perguntou: “As pessoas não dizem mais ‘fliper’?”

Como é que eu deveria saber?

“Bem... não ouço muito essa palavra hoje em dia,” respondi. “É, eu também não.”

Ela abaixou a cabeça em... culpa? *Nunca vou entender a Nagafuji enquanto viver.* Minha única opção era chamar a "babá" dela para vir buscá-la. "Onde está a Hino?"

"Dormindo."

Olhei na direção que Nagafuji indicou. E lá estava Hino, caída para frente, com a bochecha pressionada contra a mesa, os braços pendendo dos lados, profundamente adormecida, podendo ser vista por qualquer um. Era muito... *único*, para dizer o mínimo. Mas, enfim, ela parecia estar aproveitando ao máximo o seu tempo livre limitado.

Em seguida, virei o pescoço para ver o que Shimamura estava fazendo. Assim como eu, ela olhava para a tela do celular. Talvez estivesse planejando algo para o Dia dos Namorados também... Talvez não com a mesma obsessão que eu, mas ainda assim.

Por outro lado, conhecendo-a, ela provavelmente esperaria até o dia catorze, compraria chocolate em qualquer loja, e entregaria com um dar de ombros. Fim de história.

Embora uma parte de mim me alertasse para não criar expectativas por algo especial, outra parte insistia em lembrar que a Shimamura, de fato, escolheu meu presente de Natal com antecedência... e eu queria acreditar que a sorte poderia sorrir para mim duas vezes. Mas não era todo dia que Shimamura fazia algo especial por mim, e era bem possível que o presente de Natal fosse o último que eu receberia dela. Quanto mais tempo eu passava com ela, mais compreendia o quão grandiosos esses gestos realmente eram. Afinal, vinham dela.

Dito isso, *ainda* não entendia por que ela achou que um bumerangue seria um bom presente para mim.

Ainda apertando os olhos, Nagafuji olhou na direção de Shimamura e depois de volta para mim. Ela deu um tapinha no meu ombro. "Boa sorte." Com isso, voltou para sua mesa.

Não havia muita sinceridade palpável no tom dela. Aliás, eu nem sabia ao certo *para que* servia esse "boa sorte", já que duvidava muito que Nagafuji soubesse dos meus planos para o Dia dos Namorados. Mas, sendo honesta comigo mesma, eu precisava de toda a sorte possível. No segundo em que eu baixasse a guarda, o tempo voaria, e eu perderia minha chance de ter um dia especial com a Shimamura.

Num piscar de olhos, os dez dias restantes se reduziram a apenas sete... e eu suspeitava que era Shimamura quem estava roubando todo o meu tempo.

De volta em casa, fiquei zonza por um tempo. Toda vez que pensava no horário do almoço, logo em seguida, meus lábios se curvavam em um sorriso involuntário. Então, eu cobria a boca com as mãos, respirava fundo e tentava não gritar.

Aqui, na escuridão, meu corpo estava cheio de calor e luz, em abundância.

Shimamura havia comentado sobre o meu cabelo mais cedo naquele dia, durante o almoço. Claro, foi uma pequena parte de uma conversa mais longa, mas era a única parte que eu conseguia lembrar. Primeiro, ela tocou meu rabo de cavalo e disse: “Está fofo.” Depois, acrescentou: “Mas, pensando bem, seu cabelo é sempre fofo.” Depois disso, o resto foi um borrão.

Não era a primeira vez que ela me elogiava pela aparência, mas dessa vez parecia mais real. O *cheongsam* era apenas um vestido, mas meu *cabelo* era uma parte inescapável de quem eu sou. Em outras palavras, ela *me* chamou de fofa. “*Sempre fofa.*” Quem não ficaria nas nuvens com isso?

Talvez aqueles horóscopos não fossem tão ruins assim. Eu estava começando a pensar mais favoravelmente sobre essa tal de Xamã. Não que ela realmente tivesse algo a ver com isso, provavelmente.

Era hora do programa de horóscopo.

O horóscopo de Áries era: “Amanhã vão te manipular como uma marionete — então faça uma música doce!”

O horóscopo de Libra era: “Tire um dia para relaxar e apreciar o quão longe você chegou.”

Nenhum deles parecia relevante para o romance de qualquer forma, mas, por outro lado, todos precisavam de um dia tranquilo de vez em quando. Se cada horóscopo fosse uma loucura todos os dias, ninguém acreditaria em uma palavra do que diziam.

A pista de hoje era “N.”

"Estou de volta à ação, *baby*!" a Xamã gritou bem antes do episódio terminar.

Talvez toda aquela dança tivesse ajudado ela a entrar no ritmo.

~Sábado, 8 de fevereiro~

Nos sábados, eu geralmente trabalhava no turno do almoço no restaurante chinês, e hoje não foi diferente. Não que eu me importasse com isso, mas não estava nada feliz em usar um vestido com uma fenda lateral no meio do inverno. Fazia eu parecer algum tipo de garota superficial que priorizava exibir as pernas em vez de escolher roupas mais sensatas. Sinceramente, eu estava tentada a pegar uma agulha e linha e costurar aquela fenda estúpida. Por que eu era a única pessoa obrigada a usar aquela coisa espalhafatosa? O restaurante nem me pagava extra por isso.

Enquanto carregava pratos sujos da área de jantar para a cozinha, comecei a questionar o que estava fazendo da minha vida. Obviamente, não fazia mal ter uma renda, mas… o que eu planejava *fazer* com ela? Não tinha nada em que gastar. Isso era melhor do que desperdiçar, eu supunha, mas qual era o sentido de ganhar esse dinheiro se eu não conseguia usá-lo?

No fim das contas, porém, eu me inscrevi para esse trabalho por uma necessidade de ocupar meu tempo com algo produtivo, e não conseguia me convencer a desistir.

A família Shimamura não voltou desde a primeira visita. Isso era um alívio e uma decepção ao mesmo tempo. Internamente, eu lutava com duas atitudes conflitantes: uma parte de mim não queria passar vergonha na frente da Shimamura, enquanto a outra não se importava de compartilhar esse segredo com ela. Sabia que não podia ter as duas, e ainda assim, estava tão gananciosa. No mesmo momento, puxei a barra da minha saia para baixo.

Esse *cheongsam* ajudava a atrair clientes?

Enquanto eu corria pela movimentada sala de jantar no auge do horário de almoço, tentava não pensar muito sobre isso. Afinal, se a resposta fosse sim, eu me sentiria obrigada a continuar usando o vestido.

Quando o restaurante fechou para se preparar para o jantar, sentei-me na mesa mais próxima e fiquei olhando para o nada, sem expressão. Restava apenas fazer uma limpeza leve, e então eu poderia trocar esse vestido idiota e voltar para casa. Mais uma vez, isso era um alívio e uma decepção. No fundo, eu não estava ansiosa para voltar para aquela casa e ficar perto da minha família.

Como a Shimamura passava seus finais de semana? Da última vez que perguntei, a resposta dela foi vaga. “Dormindo, geralmente. Ou lidando com minha irmãzinha. Coisas assim.” O que significava que ela provavelmente estava passando o dia de hoje apenas sentada, entediada.

Talvez eu pudesse ir visitá-la depois do trabalho. Eu poderia me sentar entre as pernas dela e assistir TV com ela no quarto dela, como da última vez.

Recordando, era difícil acreditar que eu já tinha tido coragem de me aproximar tanto da Shimamura. Definitivamente, eu não conseguiria agora — acabaria surtando e/ou fugindo.

Falando em “encontros próximos” mais recentes, houve aquele momento em que eu escorreguei e caí no peito dela. Que desperdício de oportunidade. Até hoje, lamento profundamente minha decisão de me afastar tão rapidamente dela. Também lamentei isso na confeitaria, claro, mas esse sentimento só se tornou mais evidente com o passar do tempo.

Eu praticamente enterrei meu nariz no peito dela… meus olhos também… e a testa. Basicamente, meu rosto inteiro.

Enquanto pensava sobre essa recordação, senti minha cabeça esquentar como um balão de ar quente, então comecei a sacudir as pernas sob a mesa, onde ninguém podia ver.

~Domingo, 9 de fevereiro~

Quando entrei na cozinha, minha intenção era simplesmente dar uma chance justa a isso. Assim como nos dias de semana, meus pais raramente estavam em casa nos finais de semana, então eu não precisava me preocupar com olhos curiosos. Isso era algo que eu apreciava profundamente. Não suportava a ideia de que me julgassem, fosse em silêncio ou diretamente na minha cara.

Era a primeira vez que eu estava usando a cozinha para algo além de encher um copo d'água, e certamente a primeira vez lidando com utensílios de cozinha. Meu plano: tentar fazer alguns chocolates. Eu estava inclinada a acreditar que era um uso válido do meu domingo. Ou talvez eu estivesse apenas um *pouquinho* influenciada pelo meu horóscopo, que dizia: "Librianos, vocês precisam se apressar e fazer alguns chocolates para você-sabe-quem! Apenas faça!"

Ah, e a propósito, a pista era "C".

Ainda é um "horóscopo" se é apenas uma mulher dizendo o que fazer...?

Eu ainda não tinha começado a fazer os chocolates e já estava começando a ter segundas intenções.

Segundo a internet, o processo de fazer chocolate era relativamente simples. Primeiro, você quebrava o chocolate em pedaços pequenos, depois derretia esses pedaços e, por fim, moldava-os usando uma forma. Bem infalível, certo? Errado. O problema era que, assim como construir a fundação de uma casa, as etapas finais eram as mais críticas. E essa era a parte em que eu tinha zero confiança.

Xinguei em silêncio o fato de eu ser uma preguiçosa. Sempre que não havia comida, eu simplesmente optava por não comer. Além disso, nunca prestei muita atenção nas aulas de Educação Doméstica. No final das contas, eu era uma novata total na cozinha. Ainda assim, queria experimentar e brincar com algumas ideias; afinal, essa era possivelmente a minha única chance de fazê-lo.

Enquanto trabalhava, mantive o celular por perto para consultar a receita. Coloquei o chocolate na tábua de corte e o piquei. Em seguida, coloquei-o em uma tigela e derreti sobre uma panela com água fervente. Até agora, essas etapas eram idênticas às cenas de Dia dos Namorados em todos os mangás shoujo que eu já havia lido. Nos mangás, a garota geralmente não sabia nada sobre culinária. No entanto, ela estava inevitavelmente apaixonada por algum cara, então, apesar de toda a frustração, dava o melhor de si e o resultado final era um lote de chocolates (feios). Pelo menos, era assim que a história geralmente seguia, pelo que me lembro. Quanto a mim, bem… Não, eu não conseguia me relacionar. Eu não estava… você sabe… *apaixonada* pela Shimamura. Não, isso não era possível. Então, sim, obviamente, isso era só... chocolate. Apenas chocolate, simples assim.

Considerando minha falta de habilidade e experiência, precisava prestar atenção ao fazer os chocolates, ou o resultado final seria um lixo total. Sacudindo os pensamentos dispersos da mente, concentrei-me em manter minhas mãos desajeitadas em movimento.

Supondo — e, para constar, isso era totalmente hipotético, já que eu estava longe de ser boa o suficiente para realmente fazer isso, mas enfim — supondo que eu criasse chocolates de qualidade profissional, será que a Shimamura ficaria animada e diria: “Você é incrível, Adachi!” e me daria um abraço? Não, ela não faria isso. Em que situação ela reagiria dessa maneira? Essa versão da Shimamura existia apenas na minha mente — e, francamente, eu não podia deixá-la ficar lá. Caso contrário, no momento em que eu abaixasse a guarda, ela sairia da minha boca e me exporia como a estranha que eu realmente era. Eu tinha me envergonhado bastante recentemente, então não precisava da ajuda dela. O que eu precisava era me recompor.

“Está bom o suficiente, não?” Olhei para a tigela de chocolate enquanto mexia com minha espátula de borracha, sentindo-me satisfeita com sua cor e aroma. Era possivelmente a primeira vez que eu tinha (aparentemente?) conseguido criar algo por conta própria. *Agora eu só precisava colocá-lo na geladeira por um tempo, certo?* Decidi pesquisar no Google. Os resultados: algo sobre temperagem.

Ah, é verdade. Eu tinha esquecido que comprei o pó para isso. Despeje, coloque o resto do chocolate, deixe esfriar, mexa… Espera, o quê? Verificar a temperatura? Mas eu não tenho um termômetro… Ah, deixa pra lá. Não é como se alguém mais fosse comer isso mesmo.

Depois de terminar de mexer o chocolate, despejei-o nas formas. Então, antes de colocar na geladeira, peguei meu celular e tirei algumas fotos só por diversão. Não que esse chocolate fosse minha obra-prima ou algo assim, mas ainda era a minha primeira vez… cozinhando… sozinha. Decidi tirar uma foto a mais, só para garantir. Quando revi minhas fotos, porém, percebi que a única diferença entre elas era o ângulo — sem melhoria na composição. *Isso parece meio bobo*, pensei, com meu entusiasmo esfriando rapidamente.

Então, o que poderia tornar as fotos um pouco mais interessantes? A resposta, é claro, era a Shimamura. Decidi enviar as fotos para ela por e-mail, acompanhadas de uma breve mensagem: “*O que você acha?*”

Estava realmente empolgada para ver qual seria a resposta dela, então esperei.

Dez minutos.

Fiquei balançando na cadeira.

Vinte minutos.

Pressionei minha testa contra a mesa.

Trinta minutos.

Nenhuma resposta. Respirei fundo e concluí que deveria ter esperado por isso. Se *eu* estivesse no lugar dela, provavelmente também não saberia o que dizer diante daquelas fotos.

Os minutos se arrastaram enquanto meu cérebro, hiperexcitável, esfriava junto com o chocolate. Como penitência pela minha idiotice, sentei no chão no canto da cozinha, com os joelhos encolhidos até o queixo. No meio do inverno, você pensaria que o linóleo estaria gelado. Mas, se estava, não consegui sentir isso por causa do calor que periodicamente esquentava meu rosto.

Recuperei os frutos do meu trabalho, que há muito já haviam endurecido.

"Uhhh..."

Pensando bem, tudo o que eu realmente tinha feito foi derreter o chocolate e remodelá-lo. Não adicionei nenhuma cobertura ou decoração, nem tinha nada disso em mãos, então não havia mais nada que eu pudesse fazer para melhorar o que eu tinha feito. Era evidente o quanto eu era amadora pela total falta de criatividade. Quando se tratava de fazer chocolates, meu cérebro decidiu que chocolate era o único ingrediente necessário.

Decidi experimentar um. *Sim, é chocolate, sem dúvida*. Só que, de alguma forma, era ainda menos saboroso do que o chocolate comprado no supermercado. O resultado final, como previsto, foram chocolates feios e sem gosto. O ingrediente adicional de amor não provocou nenhuma reação química milagrosa. Na vida real, simplesmente não funciona assim.

Mesmo que eu praticasse fazer chocolate todos os dias até o dia catorze, eu não tinha nenhuma confiança de que conseguiria produzir algo melhor a tempo para o Dia dos Namorados. E também não queria que meus pais ficassem olhando. Talvez eu pudesse me convencer a tentar se eu tivesse meu próprio apartamento, mas, infelizmente, não era o caso.

No final, concluí que seria melhor simplesmente dar à Shimamura chocolates comprados em loja. Sim, talvez fosse a opção "chata". Mas, na minha visão, se eu quisesse um presente de qualidade profissional que ela realmente fosse gostar, eu teria que deixar de lado minha "expressão criativa" e comprá-lo de um fabricante de qualidade profissional. Sim, era uma escolha previsível, mas, no final das contas, o sabor era importante. E meus chocolates tinham um gosto terrível.

Com isso decidido, meu próximo passo seria encontrar uma chocolateria bem avaliada e comprar algo. Se eu comprasse o presente online, não tinha confiança de que ele chegaria na minha casa antes do dia catorze, então minha melhor aposta seria visitar uma loja física na área de Nagoya e comprá-lo pessoalmente. Eu poderia levar a Shimamura comigo. *Não, talvez eu devesse ir*

sozinha. Afinal, ela deu a entender que queria que o presente fosse uma surpresa.

"Bem, isso foi um fiasco."

Hoje era meu último dia de folga antes do Dia dos Namorados. A partir de amanhã, eu ficaria presa na escola até sexta-feira. Claro, só precisava pegar um trem para Nagoya, mas ir e voltar consumiria uma boa parte do meu tempo. Além disso, eu precisaria levar em conta o tempo para explorar as lojas e decidir... o que significava que, se eu fosse esperta, teria ido hoje.

Nunca deveria ter desperdiçado meu dia de folga enrolando desse jeito. E agora? Faltar à escola para ir a Nagoya? Espera... Talvez fosse mais casual comprar o chocolate no próprio dia e entregá-lo para a Shimamura na hora? Sim? Não?

Infelizmente, apesar de toda a minha reflexão, eu ainda não tinha resolvido o que fazer com o resto da minha montanha de chocolate.

Parece que terei mais uma semana de almoços de chocolate pela frente.

***

Nenhum horóscopo poderia ser 100% preciso. Caso contrário, seria uma profecia. Eu, por exemplo, não tinha expectativas tão elevadas. Na verdade, eu estava mais interessada em ver o quanto do horóscopo se concretizava a cada dia. Até agora, os resultados estavam em cerca de cinquenta por cento. Considerando que uma precisão de 50% já era bem impressionante para um horóscopo, ainda seria precipitado concluir meu estudo com uma amostra tão pequena. Assim, decidi assistir ao episódio de hoje à noite também.

No entanto, a Xamã você-sabe-quem *não* apareceu. Eu havia assumido que ela fazia parte regular do programa, mas talvez não. Em vez disso, os primeiros três minutos foram preenchidos por outra pessoa fazendo um monólogo, embora não parecesse ensaiado. Será que eles gravam esses episódios ao vivo ou algo assim?

Eu me sentei de pernas cruzadas em frente à TV, esperando descobrir meu horóscopo para amanhã. O de Shimamura dizia: "Um encontro inesperado fará seu coração disparar!", e o meu era: "Você só vive uma vez, então diga a eles o que realmente está em sua mente!"

Deixando de lado o fato de que a tela escureceu como se a TV estivesse consumindo o apresentador — eu estava muito distraída pelo meu horóscopo. *Dizer o que realmente está na minha mente... O que realmente está na minha mente...* Ao me imaginar realmente fazendo isso, meu coração acelerou como se uma dúzia de rosas vermelhas tivesse florescido em perfeita sincronia ao meu

redor. Quando imaginei a resposta da Shimamura, meu rosto ficou tão vermelho quanto uma beterraba.

Cocei o joelho através do pijama, embora não conseguisse identificar qual parte do meu corpo estava realmente coçando.

No fundo da minha mente, senti meu lado racional — ou talvez a versão de mim mesma que existia antes da Shimamura — me julgando silenciosamente por minhas fantasias patéticas. Afinal, eu já não era nada parecida com a pessoa que costumava ser.

Bem, talvez isso não fosse totalmente verdade. Eu ainda era péssima com interações sociais, distante da minha família — tão sem graça quanto sempre fui. Mas quando se tratava da Shimamura, outra versão de mim surgia à superfície e tomava o controle. Ela era inquieta, ansiosa e um desastre completo. Era doloroso observar isso; ainda assim, eu não conseguia sentir ressentimento por ela. De certa forma, isso era meio precioso.

Enfim, voltando ao programa de horóscopo — a pista era "O". Considerando todas as outras letras, tentei encontrar uma conexão que as ligasse ao Dia dos Namorados, mas, no final das contas, não consegui pensar em nada. Talvez não houvesse nenhum significado mais profundo por trás delas. O "prêmio especial" provavelmente era apenas alguma porcaria aleatória, então decidi parar de acompanhar. Em vez disso, me enfiei debaixo do cobertor e agonizei por horas e horas sobre como dizer à Shimamura o que realmente estava na minha mente.

Naturalmente, havia muito que eu queria dizer. Muito.

Ainda assim, a vida estava cheia de paredes, grossas e impenetráveis, que nos dividiam — e seria preciso mais do que coragem para que minha mensagem atravessasse.

~Segunda-feira, 10 de fevereiro~

Depois que conheci a Shimamura, minha vida mudou para melhor. Isso era um fato simples, ou assim eu escolhia acreditar. Pelo menos, me tornei uma pessoa mais otimista (talvez um pouco otimista demais, para ser honesta) e meus dias ficaram um pouco mais iluminados.

Shimamura era o meu raio de sol.

Ugh. Que vergonha.

Ainda assim, quando se tratava de sobreviver nesta triste terra, era bastante importante ter um pequeno raio de esperança pelo qual viver. Se a Shimamura me fazia feliz de alguma forma, então o que mais eu poderia realmente pedir?

Esses eram os pensamentos que me mantiveram acordada na noite passada.

Se chegar muito perto do sol, ele queima e cega; por mais que você tente, nunca pode realmente alcançá-lo. No entanto, todas as criaturas que caminham por esta terra ainda assim buscam seu calor.

Pessoalmente, estava feliz por ter finalmente encontrado a luz... e queria aproveitar um momento para agradecer a Shimamura por tudo o que ela tinha feito por mim. Isso era o que estava “na minha mente”.

Não, sério... Não é uma desculpa, eu juro.

Privada de sono, esperei na porta da sala de aula pela Shimamura. Naturalmente, hoje, de todos os dias, ela *tinha* que estar atrasada. Não que ela normalmente chegasse cedo, diga-se de passagem — bem pelo contrário, na verdade — mas cada minuto de atraso era mais um minuto passando sob olhares estranhos dos meus colegas de classe. Felizmente, tudo o que eu precisava fazer era encontrar o olhar deles, e eles se encolhiam. Pela primeira vez, o rótulo de “delinquente” realmente trabalhou a meu favor. Infelizmente, isso não impediu *certas pessoas* — nomeadamente, Hino e Nagafuji — de iniciarem uma conversa.

“O que está fazendo, Ada-chee?”

“Está procurando o quê, Chee-chee?”

Não tenho certeza se aprecio a imputação no seu tom, Nagafuji. Também não era muito fã desses apelidos engraçados e improvisados. Como eu não tinha uma resposta para a dupla, tudo o que eu podia fazer era abaixar a cabeça e torcer para que elas deixassem isso pra lá.

Infelizmente, elas não deixaram.

“Ah, entendi. Esperando pela Shimamura?”

“Ah, sim, claro.”

Minhas bochechas ficaram coradas quando elas (e por “elas”, quero dizer provavelmente apenas Hino) perceberam tudo. *É realmente tão óbvio...? Sim, provavelmente.* Enquanto eu lamentava em silêncio todas as minhas ações constrangedoras das últimas semanas, Hino e Nagafuji foram para suas mesas.

Sinceramente, a Shimamura era uma santa por aturar uma pessoa tão esquisita como eu. Ou talvez ela simplesmente não se importasse nem um pouco. Esse pensamento me deixou triste.

Enquanto eu esperava, Shimamura finalmente apareceu bem antes do sinal tocar. Ela me viu parada na porta e parou, inclinando a cabeça em confusão. “O que foi, Adachi?”

Pela primeira vez, ela parecia realmente acordada. Sem bocejos, sem aquele olhar vidrado. Quanto a mim, minha garganta estava seca como um osso. No entanto, eu queria dar o meu melhor.

“Bom…bom dia!”

Tentei manter meu tom o mais alegre possível, mas, em vez disso, minha voz falhou. Um suor frio escorreu pelas minhas costas. Minha pele estava desconfortavelmente esticada ao redor das maçãs do rosto.

“Bom dia… Precisa de algo?”

“Eu só…queria falar sobre…sol…”

“O quê?” Shimamura franziu a testa como se dissesse: “Sobre o que diabos você está falando?”

Boa pergunta.

Se eu realmente dissesse o que estava pensando, só iria me humilhar, e Shimamura com certeza ficaria envergonhada também. Eu precisava deixar a poesia de lado e ir direto ao ponto. *Agora, como é que eu expresso gratidão mesmo? Uhhh… ah, certo!*

“O-obrigada…”

Minha mente estava tão distraída com o suor que eu estava com um bloqueio. Como resultado, pulei toda a introdução e fui direto para o “obrigada” no final.

“Ah, você não precisa me agradecer. É…” Shimamura chegou até metade da resposta antes de a estranheza se instalar. “Espera, o quê?”

Ela me olhou, perplexa. Eu precisava manter a cabeça no lugar, para não começar a babar.

“Enfim, é isso!”

Nem me dei ao trabalho de explicar, e já estava fazendo uma retirada constrangedora de volta para minha mesa, como a covarde que eu era. A forma como os cantos dos meus olhos ardiam, você pensaria que eu estava no meio de um bom e quente banho. Enquanto isso, sons estranhos de ofegação escapavam dos meus lábios traiçoeiros.

“Hã? O que foi isso?” murmurou Shimamura, e minhas orelhas arderam para combinar com meus olhos.

Eu queria nada mais do que voltar e me explicar, mas sabia com certeza que, se eu cedesse, isso só tornaria as coisas cem vezes piores. Em vez disso, tive que apertar os dentes e suportar a situação — sentar, olhar para frente e apoiar o queixo nas mãos. Pressionei as palmas contra as bochechas, tentando fazer com que parassem de tremer e voltassem ao normal. Tentei me convencer de que tinha conseguido dizer à Shimamura o que estava na minha mente, mas, infelizmente, não era possível.

Pensando bem — pela forma como tropecei nas minhas próprias palavras, me recusei a fazer contato visual e constantemente variei em humor como um caleidoscópio — decidi que não era uma pessoa mais positiva; eu era apenas uma pessoa mais burra.

Se eu olhasse para trás para ver a Shimamura, tinha certeza de que isso estaria estampado no meu rosto. Então, em vez disso, fechei os olhos.

***

Eu não segui as instruções do horóscopo de hoje, então a culpa foi minha. A memória da minha saída constrangedora me fazia querer morrer. *Deus, por que eu existo?*

Derrotada, me deixei cair em frente à TV. Era minha tradição noturna agora. Além disso, eu não tinha ideias melhores de como abordar a Shimamura, então, sinceramente, eu apreciava os conselhos, não importava de onde viessem.

“Ah, olha, a Xamã está de volta.”

Ela apareceu, balançando o cabelo energeticamente. No meio, no entanto, ela parou para explicar que não conseguiu fazer sua dança ontem devido a uma enxaqueca. *Eu não precisava dessa informação, mas tudo bem*. Então, imediatamente voltou a sacudir a cabeça com o dobro de intensidade, como se estivesse tentando compensar o tempo perdido. *Você já pensou que talvez seja isso que causa enxaquecas?* O cabelo dela balançava por toda a tela. *Ugh, por favor, vá logo para os horóscopos*, eu disse internamente, batendo impacientemente no chão.

Vou direto ao ponto; o horóscopo de Libra era: “Um momento íntimo com o príncipe dos seus sonhos fará seu pulso acelerar!”

Príncipe dos meus sonhos? Não consigo imaginar quem poderia ser, eu menti para mim mesma enquanto me remexia.

Mas, quando a dica da noite (“U,” para constar) apareceu na tela, eu já havia aceitado a realidade.

Certo, mas... Shimamura é uma garota... e eu também... Então, quem é o príncipe? É uma de nós? Qual delas?

Pelo jeito, talvez Shimamura fosse o príncipe, já que eu não era muito masculina... ou era? Não, claro que não. Eu era uma garota, afinal. Bem, por outro lado, Shimamura também era — e ela era muito mais feminina do que eu, agora que eu pensava nisso. Cabelo longo e macio, pele clara... e ela tinha um certo mistério também. Nesse caso, talvez ela estivesse mais para uma princesa, se for o caso.

Eu não *queria* que ela fosse meu príncipe, queria? Não, certamente não. Ou isso *seria* uma coisa ruim...? Comecei a ficar confusa. Meu coração estava batendo como louco, e eu ainda não tinha nem chegado ao momento íntimo com meu príncipe.

Então, isso significa que o horóscopo está certo...? Ou completamente errado?

~Terça-feira, 11 de fevereiro~

"Então, você quer ir?"

"Para a casa da Nagafuji...?"

"É."

Demorei um minuto para processar o quão absurdo era Shimamura me convidar para uma casa que não era a sua. Atrás dela, Hino e Nagafuji estavam com as mãos nos quadris, parecendo satisfeitas. Aparentemente, elas queriam que jogássemos videogame juntas depois da escola — pelo menos, foi o que imaginei.

"Você sabe que eu não sou muito fã de videogames, né?"

Eu não tinha consoles em casa, nem nunca tinha ido à casa de um amigo para jogar. Mas, mais do que qualquer outra coisa, eu não tinha certeza se Nagafuji e eu éramos realmente “amigas”.

“Você não precisa ir se não quiser,” concedeu Shimamura rapidamente. Era evidente que ela não estava muito interessada em eu ir junto. Eu ainda não tinha dito não, mas estava prestes a dizer, então isso foi um alívio. *Espera aí. Se ela for sem mim... e se algo a fizer rir, e eu perder isso?*

“Ah, bem, pensando melhor, na verdade, eu não me importo.” Quase acrescentei “desde que você esteja lá”, mas engoli essas palavras rapidamente.

Não posso dizer isso na frente das outras — é melhor tomar cuidado com o que falo.

“Perfeito! Agora somos quatro!” Hino e Nagafuji comemoraram juntas o time completo.

Enquanto isso, Shimamura me olhava com preocupação — aquela típica expressão de “irmã mais velha carinhosa”.

“Tem certeza?” ela insistiu, quase como se pudesse ler meus pensamentos.

“Sim, tenho certeza.”

Mais uma vez, quase revelei meu maior motivo: *desde que você esteja lá*.

Assim que o último sinal tocou, nós quatro seguimos para a casa de Nagafuji. Fomos duas por bicicleta — Nagafuji na bicicleta da Hino, e Shimamura na minha. Não importava quantas vezes eu visse, nunca deixaria de achar ridículo o jeito que Nagafuji se agarrava aos ombros da pequena Hino. No meu caso, eu era mais alta que minha passageira, então a dupla parecia bem mais natural… provavelmente.

As mãos de Shimamura sempre pareciam tão grandes e quentes quando eu as segurava, e ainda assim, sempre que ela segurava meus ombros, pareciam pequenas e frágeis. Isso era porque, dessa vez, eu estava no papel de quem dava suporte? O pensamento me deixou um pouco orgulhosa… até alguns momentos depois, quando percebi o quão infantil isso era.

Espera aí. “Um momento íntimo com meu príncipe…” E agora, as mãos de Shimamura estão nos meus ombros.

Segundos depois, Shimamura soltou um grito de pânico enquanto eu perdia o controle da bicicleta. “Waaagh!”

Como esperado, a casa de Nagafuji era mesmo um açougue, assim como todas tinham me dito. Um homem — provavelmente seu pai — estava atrás do balcão da frente. Ele olhou para a filha e exclamou: “Vejo que trouxe a cliente regular, a VIP e uma novata, hein!”

Se "a cliente regular" era a Hino e "a novata" era eu, isso significava que Shimamura era "a VIP." Eu olhei para ela.

"Minha mãe sempre me manda aqui para comprar coisas quando está com preguiça," Shimamura explicou vagamente. Era notório que o relacionamento dela com a mãe era tão saudável quanto com a irmã mais nova.

Será que algum dia eu me juntaria a esse grupo?

Caminhamos até os fundos da loja e entramos no espaço de convivência dos Nagafuji; Hino andava por lá como se fosse dona do lugar enquanto configurava o console de videogame retrô. Havia apenas dois controles, então só duas pessoas poderiam jogar de cada vez.

Embora uma parte de mim estivesse decepcionada por não ter sido colocada em dupla com a Shimamura, outra parte estava disposta a deixar isso passar... *desta vez*. Mas se eu não ficasse na mesma turma que ela no próximo ano... o pensamento era sombrio demais para sequer imaginar.

A sala de estar estava mobiliada com uma mesa *kotatsu*, onde nossa querida e sensível ao frio Shimamura não perdeu tempo em se acomodar. Nagafuji a seguiu. Enquanto isso, Hino pegou o que parecia ser sua própria almofada de chão pessoal e a levou até a TV.

O jogo funcionava de forma semelhante ao "Jogo da Vida"; você jogava os dados e movia sua peça até alcançar o objetivo. Rolei os dados para ver quanto receberia como fundos iniciais: 10 milhões de ienes. *O quê? Quem, em sã consciência, me daria 10 milhões de ienes e me mandaria sair porta afora? Isso não é generosidade, é uma insanidade total. Quantas horas eu teria que trabalhar no meu emprego atual para conseguir 10 milhões?*

Enquanto fazia as contas mentalmente, joguei os dados novamente, e o resultado apareceu na tela: seis.

"Uau, você está indo muito bem!" comentou Shimamura, sentada com as pernas enterradas sob o cobertor e a bochecha espremida contra a mesa. Muito… fofo, na verdade.

Nagafuji estava igualmente desabada do outro lado da mesa, de frente para Shimamura.

"Você vai acabar amassando seus peitos se continuar assim," comentou Hino.

Isso fez com que Nagafuji exibisse uma rara carranca... por alguns segundos, de qualquer forma, até que a expressão sumiu junto com o resto de sua energia. Sem se mexer, ela tateou vagarosamente à procura do controle. Olhei para Shimamura e a vi fazendo o mesmo. Ela parecia tão jovem e inocente; decidi deixar pra lá.

"Nnnn..."

A cada quadrado azul em que eu parava, ganhava mais um milhão. A inflação era tão absurda que comecei a me perguntar se estávamos jogando com moeda da Venezuela em vez de ienes. Mas ninguém mais parecia surpresa com esse elemento, então aparentemente era normal no jogo. Quanto mais jogava, mais perdia a noção do valor do dinheiro.

A "linha de chegada" estava em Niigata, não muito longe de Tóquio. Depois de apenas mais três jogadas de dados, a estação já estava à vista. *Eu precisava cair exatamente nela, certo?* Comecei a jogar os dados com mais cautela, torcendo por um quatro, e observei a animação na tela.

"Ooh, uma jogada perfeita."

"Parece que você é a primeira, Ada-chee!" provocou Hino, me cutucando nas costelas.

Então, eu ganho alguma coisa por ser a primeira? Ah... dinheiro. Deveria ter imaginado. Esse é um jogo para poupar dinheiro? Me pergunto qual é o limite.

"Adachi está em primeiro lugar, hein? Uau," comentou Shimamura sem levantar a cabeça, com sua bochecha se mexendo com os movimentos de sua boca. *Fofinha.*

Infelizmente, eu ainda não tinha uma boa compreensão das regras, então estar em primeiro lugar não significava muito para mim.

Havia tanta coisa que eu não sabia... não entendia... e, no meio disso tudo, perdi a chance de sentir alegria. Eu carecia de experiência em geral, e, como resultado, meus esforços finais eram desajeitados. Isso me fez perceber o quanto eu ainda tinha que aprender em comparação com as pessoas ao meu redor.

Felizmente, por volta das 19h, decidimos encerrar. Hino parecia ter planos de ficar, então Shimamura e eu acabamos saindo de lá só nós duas. Foi um grande alívio, pelo menos para mim.

Olhei para trás, para a vitrine da loja, iluminada tenuemente pela luz que vinha do fundo, e notei um pilar próximo coberto de todo tipo de folhetos — cruzeiros ao redor do mundo, cartazes políticos, até um pôster de filme um pouco desatualizado, mostrando uma princesa guiando seu príncipe pela mão.

Fiquei olhando para o pôster, imaginando nossos rostos sobrepostos aos deles. Shimamura era a princesa, “me” puxando junto. Mas os gêneros dos personagens não eram o que mais importava para mim — simplesmente me via colocando Shimamura no papel de "líder", seja qual fosse. Com ela me guiando, eu poderia ir a qualquer lugar. *Ugh, sou mesmo um caso perdido.*

Nesse momento, o vento gelado me trouxe de volta à realidade, mas isso provavelmente foi para o bem. Quando percebi, todo o calor havia evaporado, deixando apenas o frio cortante e a vaga silhueta de Shimamura, distinta da escuridão nebulosa ao nosso redor.

Eu sabia que ela não iria me pedir, então eu teria que oferecer. Caminhei com minha bicicleta até ela.

"Ei, hum... quer que eu... te leve para casa?"

Fiquei me perguntando se algum dia seria possível falar com confiança, em vez de covardia.

"Vai ser um desvio bem grande para você... Tem certeza?"

Assenti com entusiasmo. Afinal, valia a pena se significasse estar com ela.

"Tá bom, então, acho que vou aceitar."

Partimos da mesma forma como chegamos, com Shimamura na garupa da minha bicicleta. Senti os dedos dela apertarem meus ombros — e, de repente, ela se inclinou sobre meu ombro para olhar para mim.

"Sabe, você realmente mudou muito desde que nos conhecemos," ela murmurou, pensativa, com os olhos bem abertos em contemplação.

"Ugh, nem me lembre disso."

Confie em mim, eu sei. E só para constar, a culpa é SUA.

***

Quando a dança da Xamã terminou, chegou a hora dos horóscopos. Era a única parte do programa que me interessava.

Eu não tinha certeza se a dança da Xamã era realmente relevante, mas, de alguma forma, parecia adequada. *Espera, o quê? Não, isso é ridículo.*

"Se você quer diminuir essa distância, comece a agir! Não seja passivo!"

Aparentemente, nós, librianos, precisávamos ser um pouco mais assertivos amanhã. Parecia um daqueles clichês repetitivos que você lê em um livro de autoajuda.

Para constar, o horóscopo da Shimamura era: "Não deixe que os outros se aproveitem da sua generosidade." Admito que ela realmente tinha essa personalidade de irmã mais velha... mas parecia o tipo de horóscopo que você encontra em qualquer jornal ou revista. Será que o programa tinha uma equipe de roteiristas diferente agora?

Ah, e a dica de hoje era "G". Aparentemente, amanhã seria a última. Mas isso não significava nada para mim, já que, a essa altura, eu não conseguia me lembrar qual era a primeira dica. Enfiei as mãos debaixo dos pés e me encolhi toda.

"Comece a agir." Que piada. Se eu fosse capaz disso, não precisaria desse programa idiota. Além disso, eu não estava exatamente de braços cruzados. Eu estava tentando o meu melhor, não estava?

O que eu queria saber não era se eu deveria ou não fazer algo, mas sim *o quê* exatamente eu deveria estar fazendo.

~Quarta-feira, 12 de fevereiro~

"Ela não veio...?"

Durante todo o dia, fiquei verificando periodicamente por cima do ombro, mas a carteira da Shimamura permaneceu vazia. Essa foi uma das poucas vezes em que *eu* apareci para a aula, mas *ela* não. Isso me incomodou tanto que acabei cedendo e conferindo meu celular.

Na hora do almoço, eu tinha enviado uma mensagem para ela perguntando: *"Matou aula hoje?"*, mas até agora, nada de resposta. Ela parecia perfeitamente saudável ontem... mas talvez tenha ficado doente de última hora. Fiquei na dúvida se deveria ir vê-la. Afinal, ela fez o mesmo por mim um tempo atrás... Além disso, eu deveria "tomar uma atitude" hoje.

O problema era que Shimamura não havia respondido à minha mensagem, então eu não tinha como saber se ela realmente estava em casa. Ir até lá poderia muito bem ser uma perda de tempo. Ou eu poderia acabar sendo forçada a interagir com a mãe dela, o que seria bem desconfortável.

Apesar de todas as minhas hesitações, no entanto, eu já tinha tomado uma decisão, e agora meu corpo se movia no piloto automático. Meus passos eram leves, e eu podia sentir que meus pés estavam ansiosos para começar a pedalar.

Como esperado, minha bicicleta deslizou suavemente até a casa de Shimamura. Depois de confirmar que ela ainda não havia respondido, toquei a campainha. Alguns momentos depois, ouvi o som de passos apressados no corredor — um pouco animados demais para ser a própria Shimamura. *Sem ofensas.*

"Tô indo!"

A porta se abriu de repente, e de lá surgiu uma cabeleira azul vívida, acompanhada por uma nuvem de esporos que imediatamente me envolveu.

"Oi?" A garota inclinou a cabeça, sorrindo. "Ah, sim. Você é a Adachi-san, certo?"

"Sim...?"

Era a garotinha alienígena — não conseguia lembrar o nome dela de imediato. Hoje, ela usava um vestido sem mangas, como se tivesse esquecido que era inverno lá fora. O que ela estava fazendo aqui? Olhei por cima da cabeça dela, tentando ver pelo corredor, mas não parecia que mais ninguém estava vindo.

"Onde está a Shimamura?"

"Tirando um cochilo! Então, você precisa ficar bem quietinha! Shhhh!" Ela pressionou o dedo indicador contra os lábios. *Uhhh, você é quem está de gritaria.*

Ao ouvir "cochilando", deduzi que Shimamura provavelmente não estava doente. Isso foi um alívio. Pelo visto, ela só queria ficar em casa hoje. Será que essa garota de cabelo azul teve alguma influência nessa decisão? Não consegui ver a correlação.

"Na verdade, isso é perfeito", a garota continuou, dando um tapinha na minha perna. "Sabe, eu preciso ir buscar o jantar."

"Tá...?"

"Portanto, vou confiar ela a você!"

E com isso, a garotinha saiu correndo pela porta e desceu a rua — completamente descalça, como uma total lunática. Fiquei ali, sem reação, observando-a se afastar. O que eu deveria fazer agora? Cuidar da Shimamura? Não precisava de ninguém me pedindo para fazer isso. *Caramba, pareço uma stalker.*

"Não... Não sou. Sou apenas... uma amiga leal."

"Pensando bem, não posso deixar você atender a porta," Shimamura murmurou enquanto aparecia no final do corredor, esfregando os olhos. Era evidente que ela acabara de acordar de um cochilo.

Então, seu olhar encontrou o meu — e passou de sonolento a afiado.

Da mesma forma, fechei a boca rapidamente e fiquei de pé, ereta.

"Oh, Adachi," ela comentou, levemente surpresa.

Enquanto eu baixava o olhar, Shimamura fez o mesmo, soltando a camisa da saia e olhando para si mesma. Ela ainda estava vestida com o uniforme escolar (menos o casaco), agora todo amassado. Ela franziu a testa, deu de ombros e continuou andando em direção à porta.

“Ah, entendi,” ela disse. “Onde está a Yashiro?”

Devo mencionar o cabelo todo bagunçado dela ou fingir que não vi?

“Ela saiu,” respondi. “Disse que precisava ‘procurar o jantar,’ seja lá o que isso signifique.”

“Ah, certo. Ela é uma alma livre. Então, o que houve?” O olhar de Shimamura parecia perguntar: “Precisa de alguma coisa?”

“Bem, você não foi à escola hoje, então pensei que talvez estivesse doente. Eu te mandei uma mensagem, sabia?” Expliquei, mas percebi um leve tom de frustração infantil escapando na minha voz.

Ela se virou e olhou na direção do seu quarto. "Ah, desculpa. Deixei meu celular na bolsa, então não percebi."

Apesar do pedido de desculpas, não consegui evitar fazer um beicinho. Ela tinha matado aula só para poder ficar com aquela garotinha?

"Bem, de qualquer forma, eu vim para ter certeza de que você estava bem. Desculpe se eu te acordei."

"Awww, você é um amorzinho" ela provocou, sorrindo.

Ela estendeu a mão para minha cabeça. Eu estremeci um pouquinho, mas, no fim, deixei que ela continuasse. Primeiro, senti seus dedos entre meus cabelos; então sua palma grande e quente segurou a parte de trás da minha cabeça. Por que suas mãos sempre pareciam tão grandes quando ela me acariciava?

Enquanto seus dedos penteavam meu cabelo, meu coração batia tão forte que fazia minhas gengivas latejarem.

"Ah, desculpa," ela disse. "Força do hábito."

Eu percebi que ela estava prestes a retirar a mão. Pensando no meu horóscopo, dei um passo à frente, fechando novamente a distância entre nós. Com a cabeça inclinada para o chão, eu não conseguia ver a reação dela, mas ela não disse nada. Eu também não conseguia falar — me esforcei ao máximo apenas para morder o lábio e suportar. Congelamos no lugar por um momento... e então, em silêncio, Shimamura retomou a carícia no meu cabelo.

Isso, mais do que qualquer outra coisa, era a verdadeira razão pela qual eu estava ali. Tudo o mais foi para o espaço, reescrito retroativamente por esse evento. A cronologia não importava. Mesmo que essa não fosse a razão inicial, eu poderia lidar com isso depois.

Enquanto o sangue corria para minha cabeça, eu contemplava o significado desse momento. Afinal, se qualquer outra pessoa tivesse acariciado meu cabelo, eu provavelmente teria ficado irritada com ela bagunçando-o. Então, por que eu estava bem com a Shimamura fazendo isso? E por que isso provocava uma reação tão forte em mim? Por que o tempo parecia parar?

Eu tinha a sensação de que a resposta poderia ser resumida em apenas três palavras.

***

Eu havia encontrado esse programa de horóscopo totalmente por acaso, e agora fazia parte integrante da minha rotina noturna. Não poderia falar sobre a precisão do programa, já que parei de pensar muito sobre isso depois de alguns episódios. No entanto, eu sabia com certeza que ele tinha um efeito quantificável na minha vida diária. Talvez a "qualidade" de um horóscopo fosse melhor avaliada com base em quantos leitores realmente agiam de acordo com ele.

Isso não quer dizer que esse programa de horóscopo fosse de fato *bom*, entenda. Os horóscopos desta noite, por exemplo, todos diziam: “Não se esqueça de comprar chocolates!” Isso realmente não contava como um horóscopo, na minha opinião, mas pelo menos eles não tentaram disfarçar. Imediatamente depois, começaram a promover o site de uma chocolataria, e eu pensei: *Ah, sim, entendi o que vocês fizeram aí.*

O episódio desta noite apresentou a pista final, que era “A”. Então, a Xamã revelou como havia escolhido a palavra secreta ela mesma. Ela falou e falou (e falou e falou) sobre o seu processo de decisão até que alguns membros da equipe saíram dos bastidores e tentaram puxá-la para fora do palco. Houve uma

briga, durante a qual a Xamã gritava coisas como “É *meu* programa!” e “Quer resolver lá fora, seu otário?!” até que, eventualmente, eles conseguiram dominá-la e, consequentemente, ela desapareceu de vista. Tudo o que restou foi sua longa peruca, derrubada no chão durante a luta.

(Nota: A palavra formada com as pistas é *Dancouga*, uma série de anime de Super Robô produzida pela Ashi Productions, dirigida por Seiji Okuda e escrita por Keisuke Fujikawa. Foi transmitida pela TBS em 38 episódios de 5 de abril de 1985 a 27 de dezembro de 1985.)

Uma das suas colegas de elenco a pegou, sorrindo silenciosamente para a câmera, e foi nesse ponto que comecei a questionar o que diabos eu estava assistindo. Assim, desliguei a TV antes que eles revelassem qual era o “prêmio especial”, embora tenha ouvido algo sobre uma “mensagem.” Pessoalmente, eu não conseguia mais lembrar das primeiras letras, então não poderia ter participado mesmo se quisesse.

De qualquer forma, era hora de parar de gastar tanta energia com esse programa. Eu tinha coisas mais importantes com as quais me preocupar, assim como o “horóscopo” de hoje havia “previsto.”

~Quinta-feira, 13 de fevereiro~

O dia seguinte era a véspera do Dia dos Namorados.

Eu me lembrava de ter feito chocolates no domingo e de Shimamura acariciando meu cabelo, mas tudo antes e entre esses momentos era um borrão.

Possivelmente para o melhor, já que eu tinha a sensação de que tinha me humilhado um monte… como de costume.

Nah, provavelmente estou só paranoica.

O grande dia estava agora quase chegando. Pela primeira vez, a frase “o tempo voa” estava realmente se aplicando à minha vida; o relógio que antes passava agonizantemente devagar agora girava seus ponteiros a uma velocidade estonteante. Era tão vertiginoso que eu estava com medo de desmaiar.

Ah, e havia uma outra coisa que eu esqueci: eu tinha que trabalhar essa noite.

Meu Deus, o que eu faço?

De pé perto da entrada do restaurante, puxei a barra do meu *cheongsam* e entrei em pânico internamente. Ainda não tinha comprado chocolates para a Shimamura; eu tinha planejado ir hoje à noite, até perceber que estava escalada para trabalhar. Felizmente, consegui me lembrar durante a aula… mas, ao mesmo tempo, meio que desejava não ter lembrado. Então, ali estava eu, me

atrapalhando tanto que acabei esquecendo o quanto de perna eu estava mostrando.

Às vezes, eu realmente desejava que meu cérebro estúpido pelo menos *tentasse* acompanhar o que estava acontecendo.

A única opção seria improvisar no dia. Encontrar uma loja, comprar algo, dar para a Shimamura. Na verdade, talvez não fosse uma má ideia levá-la comigo. Sim, isso parece bom. Melhor do que uma troca rápida e sem cerimônia na escola.

Minha maior preocupação com esse plano, no entanto, era a possibilidade de longas filas ou falta de estoque. Eu poderia tolerar ficar na fila, é claro, mas se não houvesse nada para eu comprar, bem... eu estaria em apuros. Poderia dar algo diferente para a Shimamura? Certamente não *precisava* ser chocolate. Sim... Para mim, a parte mais importante desse feriado era simplesmente dar um presente — *qualquer* presente. Isso acalmou um pouco minhas preocupações.

No momento em que estava à beira de resolver um problema, outro surgiu.

Será que Shimamura se *importava* remotamente com nossos planos? Ela não tinha esquecido, tinha? Percebi que ainda não tinha realmente tentado arranjar nada com ela. Ainda assim, eu não poderia exatamente ficar aqui mexendo no meu celular no meio do salão de jantar. Felizmente, nenhum cliente estava à vista, então me apressei para a sala dos funcionários nos fundos.

Lá, minha gerente não estava à vista. Olhei ao redor e eventualmente a vi parada do lado de fora, perto da entrada lateral; ela também estava no telefone. Sem perder tempo, corri até minha mochila, peguei meu celular e compus uma mensagem a uma velocidade impressionante:

“Você está livre amanhã quer ir a algum lugar e passar um tempo juntas”.

Eu sabia que não conseguiria checar as respostas durante meu turno, então escrevi todas as minhas perguntas de uma vez e enviei. Depois, coloquei meu celular de volta e saí imediatamente para a frente. Felizmente, não havia clientes esperando, mas *vi* o carro vermelho da minha colega de trabalho entrando no estacionamento dos funcionários.

Notei o calendário perto da entrada e olhei para o box do dia quatorze. Lá, impresso em vermelho, estavam as palavras “*DIA DOS NAMORADOS*,” indicando o feriado. E era *amanhã*. A ideia me deixou inquieta, a ponto de sentir meus pés inquietos.

Mesmo que Shimamura não pudesse passar um tempo comigo depois da escola por algum motivo, seria bom apenas vê-la. Não tínhamos passado um feriado

juntas desde o Natal, e eu estava toda animada e nervosa. Ou talvez eu estivesse apenas tendo um ataque cardíaco. Não conseguia realmente distinguir.

Para deixar claro, eu não teria me sentido assim com qualquer pessoa — somente com a Shimamura.

Então, por que ela? uma parte do meu cérebro perguntava para a outra.

E se eu tivesse conhecido *outra pessoa* no segundo andar da academia naquele dia? Eu teria começado a ter sentimentos — er, sentimentos normais de amizade — por ela em vez disso? Deixei esse cenário se desenrolar na minha mente por um tempo, mas decidi, no final das contas, que a resposta era não. Provavelmente não teríamos muito para conversar, e eu teria saído na primeira oportunidade. A partir daí, teria encontrado outro lugar para ficar sentada o dia todo.

Então, o que fazia Shimamura ser tão... confortável de se estar perto?

Talvez fosse porque ela era minha... minha *alma gêmea*... ou algo assim?

Eu não tinha falado isso em voz alta, mas estava tão envergonhada que quase mordi minha língua. *Argh, estou parecendo uma esquisita!*

“Uau! Você está toda vermelha!” minha colega de trabalho mais velha provocou com seu forte sotaque enquanto entrava pela porta. Ao perceber isso, meus olhos começaram a arder.

“É... ah... é por causa do frio. Acontece bastante no inverno.”

“Muito quente aqui. Que porcaria!” ela reclamou na direção do aquecedor enquanto tirava seu casaco roxo.

Ah. Aparentemente, estava quente no restaurante. Isso certamente explicava meu rosto avermelhado. *Sim... só culpa do aquecedor.*

***

E assim, o grande dia chegou... O dia que decidiria tudo.